

Polemista, o personagem esquecido do jornalismo

*Jacques A. Wainberg**

*Jorge Campos***

*Edelberto Behs****

Resumo

Este é um estudo do papel exercido no jornalismo por articulistas polemistas. O argumento central do texto é de que tal figura exerceu e exerce no jornalismo papel decisivo no exame crítico da realidade, muito embora seja figura temida pelo jornalismo comunitário, cujos veículos prestam-se mais ao discurso evangelizador. O estudo argumenta ainda que este personagem é fator estimulador de leitura de jornais e que seu aparecimento na mídia *mainstream* revela a consciência que as empresas têm de seu papel social e o efeito que causa na circulação dos periódicos. **Palavras-chave:** polêmica, articulista, jornalismo opinativo.

Resumen

Este estudio trata sobre el desempeño de los articulistas que polemizan en periodismo. Su argumento principal enfatiza la idea de que esta figura ejerció y ejerce un papel decisivo como analista crítico de la realidad, aunque sea temido por la prensa comunitaria, cuyos vehículos están más próximos al discurso evangelizador. El polemista es un factor de estímulo de lectura de los periódicos, según el autor, y su aparición en la mídia *mainstream* revela la conciencia que esas empresas tienen de su papel social y su efecto en la circulación de los diarios.

Palabras-clave: polemica, articulista, periodismo de opinión.

* Professor e pesquisador de Jornalismo e Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, doutor em Comunicação e pesquisador CNPq.

** Professor e pesquisador do Instituto de Letras, PUC-RS, doutor em Linguística.

*** Coordenador do Curso de Comunicação Social do Instituto Superior e Centro Educacional Luterano Bom Jesus/Ielusc, Joinville, Santa Catarina. Jornalista, mestre em História.

Abstract

This study deals with the role performed by polemicists in journalism. Its main argument stresses the idea that such a figure is central in arousing new ideas and criticism on a large range of issues despite the fact that he is hated by small communitarian papers whose goal is to preach instead of serving as a medium for social criticism. The polemicist, on the other hand, helps to increase readership by arousing new and unexpected ideas. Due to this fact mainstream media are open to his provocations.

Keywords: polemic, commentator, opinionative journalism.

Introdução

Que tal exigir, como sugere o Fundo Monetário Internacional (FMI), aos universitários de instituições públicas brasileiras que paguem seus estudos, finalmente? Seria uma forma de arrecadar dos alunos ricos que se beneficiaram até agora da gratuidade oficial algum recurso adicional para canalizá-lo ao ensino fundamental. Que tal presumir, como o faz a Lei 9.434 de 1998, como doador de órgãos toda e qualquer pessoa que não tiver registrado em documento público de identidade seu desejo de não ser doador? Que tal passar por cima das patentes americanas para produzir em território nacional medicamentos em geral, seguindo a norma utilizada durante algum tempo pelo Ministério da Saúde do Brasil em relação às drogas para o tratamento da AIDS? E o aborto? O aborto tem torcida a favor e contra. A pena de morte também. Em ambos, o apoio a uma das facções encontrará posição contrária igualmente radicalizada.

O que se tem em todos estes casos é que qualquer tomada de posição vem envolta em certa angústia moral, e produz sempre sua conseqüência inevitável – a dissonância cognitiva que abala o comportamento de parcela do público envolvido na celeuma. Cabe salientar, ainda, que certos dilemas são mais controversos em certas culturas do que em outras. O porte de armas, por exemplo. Nos Estados Unidos o tema provoca grande discussão. Gasta-se fortunas em lobbies políticos para dismantelar tal rede de produção e venda de revólveres, metralhadoras e afins aos civis. Cidadãos

aquartelados em outra fortaleza defendem a causa inversa. O assunto é menos problemático em países como o Brasil onde há aparente consenso sobre a necessidade de controlar tal distribuição, mesmo porque se percebe com facilidade os efeitos devastadores da criminalidade.

Já a clonagem de seres vivos parece ser, pelo menos por enquanto, consenso universal. Número crescente de países tem proibido tal prática. A idéia de se brincar de Deus assusta a maior parte dos povos e o tema é tóxico tórrido: faz os espíritos ferverem tanto no oriente como no ocidente. Num grau menor de dissonância, mas com aparente difusão internacional, tem-se também a discussão sobre a prática da medicina alternativa. Há desconfiança generalizada a tais experimentos rotulados geralmente de curanderia. Em suma, neste campo de confronto entre a ciência e a natureza, entre o homem e Deus, não foram poucos os embates.¹

Tal coletânea de tópicos capazes de provocar repercussões de abalo, crise, mal-estar, envolvimento, paixão e ódio, tudo mesclado, é longa e variada. Eventual lista de temas polêmicos merece exame por revelar-se importante fator para uma variedade de finalidades, em especial, permitir que se vislumbre alternativas e que se rompa com a tradição dos costumes.

Percebe-se com facilidade que há, como dito, matéria prima suficiente para embates intermináveis entre a opinião e a paixão. Na ciência², na religião³ e na política, entre outras inúmeras áreas, há sempre um *imbróglia* mal disfarçado de polidez e ódio em torno destes assuntos e nestes embates. No fundo, a razão é sempre a mesma: crenças são desafiadas, e para o comum dos mortais o incômodo de envolver-se em disputas deste tipo é imenso. Mas cabe ressaltar o que aqui nos interessa: não é a presença de um polemista que torna este ou aquele tema controverso. Nestes casos, a disputa emerge naturalmente. A sociedade percebe-se radicalmente dividida quanto à resolução do dilema e quanto às suas repercussões éticas. Controvérsias deste tipo independem do manuseio de um agente subversor. Este, ao contrário, atuará sempre de forma inesperada em assuntos de aparência inofensiva, como ver-se-á a seguir.

Cobertura polêmica e imprensa polemista

O Dia publicou, em 15 de março de 1998, uma série de reportagens intitulada “Órfãos do Vício”. Mostrava um casal cheirando cocaína em cima de uma Bíblia e na frente de um filho de oito anos. Soube-se depois

que a dupla recebeu dinheiro para posar para a foto. Em outra ocorrência, a cobertura do *Travel Channel* sobre o Brasil foi considerada ofensiva. Entre as informações consideradas graves pelos brasileiros estava a de que a nossa alimentação está baseada em aipim que, se comido cru, provoca a morte. Outros dados controversos da reportagem: o mercado de Belém destina-se ao comércio de objetos de magia negra; o melhor hotel da Bahia custa somente US\$ 10,00; no Pelourinho só circulam crianças sujas e animais soltos e a Praia de Boa Viagem é repleta de micróbios. Não faltam outros exemplos de coberturas polêmicas deste tipo⁴. Cabe assinalar, outra vez, que aqui também se dispensa a figura do polemista. A cobertura é controversa por suas falhas, ou méritos, e apesar da existência ou não deste personagem – o polemista – nas vizinhanças.

Há que se dizer por fim que nem o tema polêmico nem a cobertura polêmica demandam uma mídia polemista. Ela existe, mas este é um terceiro e distinto caso. Na história do jornalismo sempre foi possível distinguir este segmento da contracultura, vocacionado ao *underground*, ou de oposição política, na qual se confunde a informação com a propaganda. A imprensa polemista vive destes embates, mas seu público é sectário sempre. Cabe recordar a experiência da imprensa partidária da República de Weimar. Os jornalistas tornaram-se neste curto e trágico período mais militantes de partidos políticos em luta pelo poder e menos, muitos menos, agentes do esclarecimento público. Suas coberturas jornalísticas mesclavam intencionalmente fatos e opiniões, o que resultou no abalo da ética e minou a crença do público na informação difundida pelos jornais. Não são poucos os autores que apontam esta prática como uma das causas da crise moral da Alemanha do entre-guerras, o que justificou a intervenção forte de censores e reeducadores aliados na imprensa alemã do pós-guerra.⁵

A ação desta imprensa partidária e militante pode ser vislumbrada também na história americana. O jornalismo sensacionalista produzido por William Randolph Hearst e Joseph Pulitzer no fim do século XIX representa o desejo de editores dispostos a pagar qualquer preço na ampliação do mercado leitor, mesmo ao custo da verdade e da manipulação dos eventos e dos fatos. A imprensa socialista e radical daquele país igualmente escreveu um capítulo de polêmicas históricas. Entre os personagens desta fase radical da década de 1910 destacam-se as revistas denominadas de *muckrakers*, em especial a *McClure's Magazine*, de forte apelo político em defesa dos trabalhadores. No Brasil, é igualmente longo

o período da imprensa polemista. Hipólito José da Costa, desde o alvorecer, e do exílio inglês, discute com veemência em artigos interpretativos as diretivas do Rei português que se refugiara no Rio de Janeiro. Gregório de Matos tornar-se-á o poeta panfletário do Brasil colônia. Após escrever a sátira “Juízo anatômico dos achaques que parece o corpo da república em todos os seus membros, e inteira definição do que em todos os tempos é a cidade da Bahia”, “Matos é preso incomunicável, degradado para Angola, e anos depois só volta com a condição de não mais fazer versos”, conforme o relato de Juarez Bahia.⁶ Já o padre Antonio Vieira fará em sua época um discurso mais circunspecto e reflexivo, mas igualmente polêmico. Pequenos veículos envolver-se-ão em disputas políticas após 1822. Símbolos desta época são “A Malagueta”, de Luís Augusto May, e “Aurora Fluminense”, de Evaristo Veiga. Destacam-se ainda “O Buscapé”, “Doutor Tirateimas”, “O Narciso”, “Novo Conciliador” e “O Enfermeiro dos Doidos” que circulam nos últimos meses do Primeiro Reinado.

A panfletagem constitui-se marca da imprensa brasileira de 1808 a 1880. A Restauração e a liberdade dos negros da escravidão são alguns dos dilemas da época. Cipriano José Barata de Almeida tornar-se-á no campeão das liberdades públicas. Surge a caricatura que introduz a sátira na reportagem gráfica. Nos tempos mais recentes apareceria ainda a imprensa alternativa, cujo papel histórico foi criticar e desvendar a lógica do regime militar. Tais publicações provocam o *establishment*, fazem a crítica social e tentam alterar o ambiente político do país através da denúncia e da cobertura engajada. Mas aqui, novamente, a própria circunstância é polêmica. Bastava aproveitar a ocasião, explorar os enormes dilemas do tempo, para que as forças em combate logo se colocassem a postos. O polemista pode aparecer aí, evidentemente. No entanto, o que nos interessa ressaltar é sua rara habilidade de surgir onde ninguém espera, como ver-se-á a seguir.

O discurso polêmico e o seu processo

É condição da polêmica a existência de um dilema⁷, natural ou criado. A ambigüidade inerente a tais impasses do pensamento provoca ansiedade e, por decorrência, desejo de resolução. É este fator que dá ânimo ao embate. Têm-se aqui, por isso mesmo, gladiadores em luta, com a agressividade que caracteriza tais disputas. No caso, há uma simulação de um jogo entre a vida e a morte. A agonia esportiva que atrai multidões aos ginásios de esporte é o mesmo fator mágico que anima o toma-lá-dá-cá de tais falas. Sabe-se de

antemão que haverá sempre torcidas em oposição. Para cada ginga de corpo da pena haverá sempre um suspiro de surpresa do público, que treme ora de prazer ora de ódio com o tilintar do verbo. Cabe assinalar, no entanto, que este tipo de discurso não deseja a resolução do impasse. Sua razão de ser é o oposto a esta expectativa inocente dos espectadores.

O polemismo como gênero dedica-se à eternização do conflito. O espetáculo proporcionado é a exegese, a capacidade de espremer a palavra. É isso que diverte as massas. E neste exercício o pensamento tem como missão romper com o trivial. Tal tarefa é ameaçadora pois desqualifica em certa medida o equilíbrio existente. Torna o senso comum absurdo. Abala a auto-estima de quem se considerava donatário de verdades absolutas. Verdades estas, muitas vezes, obtidas com esforço existencial. Por isso mesmo há sempre uma dimensão afetiva em tais conflitos. A torcida se apega emocionalmente à fala de um tornando-se surda à argumentação do outro. Busca-se assim reforço ao que já se tem, como que multiplicando anticorpos (racionais e afetivos) capazes de fazer frente ao que é estranho ao organismo vivo das crenças e hábitos que habitam nossas mentes. É propriedade do pensamento seu conservadorismo, e qualquer distúrbio a tal estrutura, através da qual vemos o novo com as lentes embaciadas pelo velho, faz o corpo todo adoecer.

Tal exposição seletiva às mensagens é, em certa medida, uma reação física do aparelho perceptor que, como ante-sala da recepção, torna o emergente sempre estranho e por isso mesmo ameaçador. Sabe-se há muito que a comunicação humana está permeada por tais obstáculos, por esta rara incapacidade humana de ouvir verdadeiramente o outro. O que não é trivial tem, como se vê, forte barricada a enfrentar. Nela habita em especial o amor próprio, fustigado, nestes casos, pelo dissabor de ver a incerteza chegar.

É o posicionamento estratégico do polemista no sistema que lhe assegura a ousadia e a coragem que tal tarefa demanda. Como malabarista da fala, cabe-lhe sempre surpreender a guarda, seja do inimigo, seja da audiência. É próprio de quem vive ou se coloca à margem ser um fronteiroço, ser alguém que está na beirada de vários mundos ao mesmo tempo. É um inovador que junta peças dispersas, e cria um novo ser.

A polêmica, por isso, é sempre um show de esgrima no qual o inimigo é visível. Para conseguir mobilizar seus efeitos de cólera e paixão, tal controvérsia é pública sempre e não titubeia em aprisionar no alvo o opositor. O opositor é inimigo mesmo, cabe ressaltar. A disputa é pessoal, raiosa. A luta disfarça-se de retórica da razão, mas é cabra mandada do

coração. O opositor é citado à exaustão. Não cabe neste tipo de confronto disfarces em profusão. Ao contrário: a troca de farpas é frontal, sempre. Nestas condições, provocações são feitas de parte a parte. Todas elas são aceitas e bem-vindas. É da natureza da performance o dedo acusador e a fala rotuladora. É mais fácil assim: revela-se ao público o que se espera mesmo de galos de rinha – bico afiado e coragem teatral. Ou seja, observando-se os insultos fica-se a pensar que tais personagens não medem as conseqüências de suas aparições. O rompante é verdadeira avalanche simbólica. Passa como um estrondo, atordoante. Deixa marcas, feridas. Pretende-se arrasador. O opositor não lhe foge à mira: é tratado de forma rude, caricatural. Neste ringue, todos são impiedosos.

Destaques

Cabe considerar agora as questões abaixo:

A) Qual a natureza do Discurso Polêmico (DP)?

B) Onde está o polêmico?

Uma primeira observação sobre (A) deveria considerar o fato de que o DP constitui-se como um conjunto complexo de propriedades de problemática identificação. O discurso em geral (DG) pode ser caracterizado pelos seguintes elementos: (a) a linguagem; (b) os argumentos; (c) os interlocutores; (d) o contexto comunicativo e (e) o tópico.

A linguagem representa o instrumento de representação em termos básicos de forma e conteúdo; o emissor é, aqui, o produtor da mensagem; o receptor, aquele a quem a mensagem é dirigida; o contexto é o conjunto virtual de informações envolvidas naquele processo comunicativo; e o tópico é o assunto de que o discurso trata. A questão a seguir abre os próximos passos:

C) O que faz com que o DG seja um DP?

À primeira vista, parece que seria implausível sustentar-se que, sendo DP somente uma variedade de DG, apenas uma propriedade pudesse identificá-lo. De fato, de (a) a (e), constituintes de DG, todos os elementos parecem ser envolvidos em DP. A questão passa a ser, então, o quê e como, em cada aspecto comum às diversas formas discursivas, se relaciona ao discurso polêmico.

Suponhamos (e) para começar. Em que sentido o tópico *aborto* pode ser considerado polêmico em oposição ao tópico *preservação da vida* ou, ainda, ao tema da *forma de repressão da violência*? A idéia inicial

parece conduzir, naturalmente, à conclusão de que o aborto vem-se constituindo, ao nível da realidade, dadas as suas características de representar um ato contra a vida, num tema altamente polémico, cuja abordagem divide as opiniões. Não parece que a questão da preservação da vida, enquanto tópico de análise, tenha a mesma natureza polémica. Afinal, parece que todos somos defensores da preservação da vida. Já em relação ao problema da forma de repressão da violência, é discutível decidir-se se é polémica, efetivamente, ou não. Há, em princípio, consenso sobre a necessidade de se reprimir a violência, ainda que a forma de fazê-lo possa gerar polémica.

Usar a violência policial, por exemplo, tem sido algo extremamente questionável. Poder-se-ia especular, ainda, sobre a possibilidade de tratar do aborto de uma maneira não, ou menos polémica. Suponhamos uma abordagem lógica, caso a caso, em que cada situação fosse examinada e o procedimento abortivo fosse decidido e executado somente após um laudo técnico emitido por comissão especializada e fundamentada em critérios bioéticos rigorosos. Por hipótese, a discussão sobre a viabilidade ou não da medida poderia continuar sendo discutida, mas o aborto como tal seria obviamente menos polémico. Mas, se isso é verdade, o caráter polémico estaria no tópico-aborto em si mesmo, ou no tópico-aborto enquanto abordagem? Seguindo o mesmo raciocínio, suponhamos a questão da preservação da vida em casos de doença terminal de inevitável fim e sofrimento. Nessa perspectiva, a polémica da eutanásia tem sido das mais intensas de que se tem notícia. Abordado o problema da violência em termos de uma decisão sobre a priorização do tratamento das causas sobre o tratamento punitivo, eis que uma enorme polémica se avizinha. E, então, o quê sobre *(B)*?

Considere-se, agora, o papel do contexto no processo de instauração da polémica. Seria razoável supor que toda a extensão de um tópico polémico fosse circunscrita à relação entre um emissor e um receptor, sem que a comunidade batizasse como tal o debate? Parece possível falar-se da polémica entre Ruy Barbosa e Carneiro Ribeiro sobre as questões gramaticais na redação do projeto da Câmara dos Vereadores de 1904. Mas, ainda que em nível restrito a uma comunidade culta, popularizou-se o debate e consagrou-se o seu caráter polémico. Hoje, mesmo que sem o conhecimento dos detalhes e até com algum ingrediente mítico, a “Réplica” e a “Tréplica” passaram a fazer parte da história da cultura jurídica e linguística brasileira.

Um tipo de raciocínio análogo ao anterior parece ser adequado à consideração do papel a ser representado pelos protagonistas na constituição do discurso polêmico. De fato, não se supõe razoável um texto polêmico anônimo de interlocutores. A pessoalização dramática dos envolvidos é uma das marcas mais típicas do DP. Há, inclusive, quem considere que o polemista é anterior à polêmica. De sua atitude intrínseca de polemizar é que nasce o debate sobre o tópico. Essa interpretação prioriza a posição, a postura, o gesto polêmico sobre as questões inerentes ao tema propriamente dito. É nesse sentido que se diz de um Paulo Francis, ou Guilherme Merquior, no cenário nacional, ou Juremir Machado, no cenário gaúcho, que são típicos polemistas. Neles, coloca-se a intenção de polemizar como fundadora da polêmica. Certamente, parece bastante intuitivo assumir-se o discurso polêmico mais como fala enquanto ato, do que fala enquanto texto. Isso não significa, absolutamente, reduzir-se a polêmica ao polemista, mas a constatação de necessária participação dos interlocutores no processo, ainda que sua existência não esgote a lista dos ingredientes da polêmica.

Quanto aos argumentos, certamente fazem parte fundamental do DP. Não há exatamente polêmica, a não ser porque há argumentos que se contrapõem. Diz-se da clonagem humana que ela não pode ser praticada, porque representa um ato de violação do código genético capaz de gerar monstruosidades; há quem diga, ao mesmo tempo, que uma pessoa poderia dispor de seu código genético a serviço de uma causa científica que julgasse eticamente nobre, por exemplo. Uma propriedade, em princípio, básica dos argumentos polêmicos é seu caráter de indecidibilidade. De fato, um argumento decisivo e definitivo, diz-se dele, que acaba com a polêmica. O DP opõe-se ao discurso consensual (DC), no sentido de que a polêmica é, por hipótese, a ausência de consenso. A concordância, entretanto, não é apenas dependente da validade dos argumentos. É claro que um argumento bem formado pode levar a uma posição consensual em que o corpo de jurados, por exemplo, é capaz de votar unanimemente a favor do réu, dada a consistente argumentação do advogado de defesa. Mas, no caso do DP, o que mais se torna evidente é que ele é detonado menos pela lógica da passagem das premissas à conclusão do que pelo conjunto de suposições assumidas. Isso significa, em outras palavras, que a polêmica se instaura preferencialmente pelo caráter, anterior aos argumentos propriamente, divergente das premissas, sobre as quais não há consenso porque assumidos como espécie de axiomas, fora de julgamento.

Evidentemente, argumentação oposta não parece ser condição suficiente para a identificação do DP. Na lógica e na ciência, por exemplo, é absolutamente trivial a argumentação teoricamente divergente sem que, necessariamente, se constitua uma polêmica. Talvez pelo fato de que a atividade científica seja naturalmente marcada pela luta teórica, não pareça ser próprio designá-la como polêmica. Ficaria um tanto estranho, realmente, dizer-se que o discurso científico é um DP. Em oposição à argumentação teórica propriamente, é o discurso ético que parece ser intrinsecamente ligado ao discurso polêmico. De fato, a Ética, enquanto disciplina, representa um conjunto de princípios que funcionam como elementos balizadores para a atitude diante dos problemas. Quando se pensa na abordagem de um tópico polêmico, se é a Lógica a disciplina que pode normatizar a validade ou não dos argumentos, é a Ética que normatiza a escolha das suposições assumidas, e a oferece à direção geral dos argumentos. Racionalizar é *usar argumentos*, conferir-lhes uma direção ética é *posicionar-se diante deles*. E a polêmica parece nascer, como se disse antes, menos do uso argumentativo do que da atitude argumentativa.

Quanto à linguagem e sua participação no DP, há dois aspectos importantes e não-triviais a serem considerados, além de um terceiro, óbvio, mas não menos decisivo. Começemos pelo último. Assim, se o discurso em geral é a expressão de uma peça lingüística, o DP, subconjunto daquele, não poderia ser diferente. A linguagem é suporte/veículo, e é nas suas redes léxico-sintático-semântico-pragmáticas que o discurso polêmico se estabelece. Mas isso é verdadeiro e pouco informativo. Uma primeira questão lingüística mais interessante, então, poderia ser a de que o DP parece depender de uma estrutura dialógica, virtual ou presencial, em que os argumentos são caracterizados por proposições afirmativas, objetivas, com léxico preciso e não-ambíguo. Sem dúvida, parece pouco plausível que se pudesse denominar 'polêmica' uma pergunta ou, ainda, uma proposição vaga e indefinida. Claro, a polêmica depende de proposições opostas, indecidíveis, mas objetivamente divergentes. Em nossa intuição, isso corresponde à sensação que se tem de que todo polemista é radical e

ser considerado é o fato de que o DP expressa a complexidade das diversas propriedades da linguagem, não podendo prescindir de nenhuma delas. Desde os aspectos fonológicos (ou gráficos) até os pragmáticos ou de uso, passando pela sintaxe e pela semântica, o DP parece explorar todos os recursos lingüísticos disponíveis. Certamente, uma suavização lexical, ou um ato de fala, tipo dúvida, ou, ainda, uma expressão sintático-semântica não-proposicional, e lá se vai a força do discurso polêmico.

A essas alturas, (*B*) parece ser uma questão ainda irrespondível, se se quer precisão. De fato, o que o conjunto das considerações feitas até agora sugere é que a expressão 'discurso polêmico', ainda que seja trivialmente reconhecida e usada, não parece poder ser identificada por uma lista determinada de propriedades necessárias e suficientes. Suponhamos, então, que o adjetivo 'polêmico' seja vago. Se assim, talvez uponhé os pragmáticos ou d174(z)]TJO -1.2[(')72.2(p)-1(ão, que 6ssa(' . Iico)7(s at assim, talmico.9ersas

O polemista

Enfatiza-se agora menos as propriedades do discurso polêmico, tema caro aos lingüistas, e mais a emergência e o papel do personagem polemista. Ao longo da história da imprensa brasileira tal figura especial surgiria no cenário jornalístico repetidamente. Ele se destaca por uma rara habilidade: animar-se do tempo e problematizar, por vezes com ousadia e falta de decoro, a rotina mesma de todos os dias, ocupando curiosamente espaço nas publicações *mainstream*. É seu repentino surgimento no jornalismo de aparência circunspecta que dá à sua intervenção um vigor que tais manifestações usualmente não possuiriam. Ou seja, uma aparência de nítido caráter oposicionista ou crítico.

Como insinuado nas linhas anteriores, há quem provoque o embate com prazer e com sabor, a despeito da existência de tema polêmico, da imprensa anti-establishment e de eventuais coberturas jornalísticas controversas. Por isso mesmo, o polemista é um personagem raro. Para existir independe destes três fatores. É, na verdade, um ser *sui generis* deseja estar onde todos recusam ficar, na margem do que se convencionou chamar “senso comum”.

Sobre este tema cabe lembrar o que nos diz Jody Berland, especialista em geografia das comunicações da York University. “Que é uma margem?”, perguntou ele, a um amigo seu.⁸ “É o que está fora do corpo do texto”, respondeu-lhe o amigo. “É o que mantém a página unida. É também onde você escreve as notas”.

A reflexão da autora sobre tal descrição da margem permitiu-lhe listar uma série de perguntas que ajudam a construir uma teoria do polemista como marginal. Pergunta-se ela: “que texto está na margem, e como lá se mantêm? Em que medida a forma da margem é determinada pelo texto? E o texto, é definido também por sua margem? Ainda: o texto marginal reivindica posicionamento e inclusão no corpo principal do texto do qual ele está distante, observando?”

O polemista ao desempenhar o papel marginal trata de por em contato mundos entre si, geralmente o conhecido com outro que está por vir, vivo somente em sua mente de profeta maldito. Tais personagens agitam a vida comunitária, causam desconforto e vivem a ambígua situação de serem amaldiçoados e venerados ao mesmo tempo.

Sua arte é peculiar: faz emergir a disputa onde ninguém esperava. Por hipótese, qualquer tópico tem verdadeiramente a potencialidade

da controvérsia. Basta, para isso, que intervenha este agente perturbador. Ele possui a rara habilidade de propor a ambigüidade onde antes reinava a certeza. Se ele ali não estivesse, não haveria naturalmente o embate. É sua provocação que faz eclodir o confronto. Age sempre embalado por causas de aparência nobre, como que disfarçado de um civismo radical. Há que se ressaltar, no entanto, que não raro reine nestes casos a desfaçatez, ela mesma.

A tese que aqui se propõe é que também no jornalismo tal personagem consagrou um gênero especial de narrativa. Por isso mesmo, cabe a poucos o rótulo de polemista. Embora comentaristas possam se valer de temas polêmicos, da imprensa polêmica ou ainda de coberturas polêmicas, a marca do polemista é original: este personagem vive no seio do sistema para dele nutrir-se e apresentar, qual sanguessuga, um olhar inesperado sobre o mais usual dos hábitos e costumes sociais.

Afirma-se aqui, por decorrência, que há no jornalismo em geral, e no brasileiro em particular, um personagem nobre e um gênero esquecido. Figuras como Assis Chateaubriand, Samuel Wainer, Odorico Mendes, Eça de Queiróz, Paulo Francis, Machado de Assis, Glauber Rocha, Nelson Rodrigues, Plínio Correa de Oliveira, Roberto Campos, Carlos Lacerda, Hélio Fernandes, Rui Barbosa, Gregório de Matos, Olavo de Carvalho, José Guilherme Merquior, entre outros, em diferentes períodos da história da imprensa brasileira, têm algo em comum: como articulistas e cronistas provocaram e desafiaram o senso comum. É disso que trata a polêmica na qual todos foram mestres, verdadeiros gladiadores da palavra.

Personagem maldito

Um dos exemplos mais marcantes deste tipo de personalidade é Paulo Francis. Ele afirmava: “Há em mim um resíduo de saltimbanco. Gosto de uma platéia, quero mantê-la cativa, afinal vivo disso há 40 anos”. Sua conversão do trotskismo ao liberalismo foi provocador. Uma conversão em largo estilo. Ao optar por Roberto Campos trocou de platéia e manteve a audiência sob êxtase, como sempre. À semelhança dos polemistas em geral, não agiu como um repórter. Por vezes, os desconsiderava totalmente. Em outras oportunidades ainda era acusado de ferir até mesmo os fatos. O que importava era as imagens que tinha

do mundo. Sua língua era agressiva, como agressivos são os polemistas. Disse que a Avenida Brasil tinha fedor de carniça; acusou o embaixador do Papa de garantir um descontrole da natalidade (“o controle é uma necessidade inadiável”); lembrou que em seu tempo de vida no Rio, Copacabana era limpa, “chique até e habitada por gente que parecia banhada e vestida decentemente (...) O chiqueiro atual é fruto da referida ignorância, pobreza e doença (...)”

Após sua morte, o galardão de polemista que carregava tornou-se emblema em disputa. Concorrem com estilos diferentes Arnaldo Jac2760blavão deCare ountrs. Talve, osegmundose aproxima o ritnicre aes qur dabBrasileir, ta qum fuestgda

Em Torna a Definir o Poeta os Maos Modos de Obrar na Governança da Bahia, Principalmente Naquela Universal Fome, que Padecia Cidade diz:
Epílogos

1. Que falta nesta cidade? Verdade
Que mais por sua desonra..... Honra
Falta mais que se lhe ponha Vergonha

O demo a viver se exponha
Por mais que a fama a exalta,
Numa cidade onde falta
Verdade, Honra, Vergonha.

2. Quem a pôs neste socrócio? Negócio
Quem causa tal perdição? Ambição
E o maior desta loucura? Usura.

Notável desventura
De um povo néscio, e sandeu
Que não sabe, que o perdeu
Negócio, Ambição, Usura.

Sua popularidade entre os marginalizados vem daí: escreve para eles. A igreja tenta calar-lhe o verbo. Oferece-lhe a batina. Ele a recusa. E vai além: abandona a mulher e filho, fecha o escritório de advocacia, deixa-se absorver pela civilização baiana de seu tempo. Clama em seus versos sua opção, a denúncia social. Como diz seu comentarista, James Amado: “Os engenhos são seu hotel; ele come, bebe e ama sem ter dinheiro, a poesia esquece a sátira moralizante e assume a alegria saudável dos novos valores (...)”.¹¹

Assis Chateaubriand marcou igualmente época. Sua lista de inimigos é infundável. Sua tática: a guerrilha difamatória e o achaque econômico. É o ator estratégico de um tempo no qual tais personagens eram híbridos, verdadeiramente: visão profética de um Brasil que se faz cultivado num espírito de bandoleiro que massacra com prazer. Em mais de 20 mil artigos desenvolve-se este espírito de cabra da peste. Ao contrário de vários outros, este polemista cria o maior conglomerado de comunicação do país para fazer valer a sua voz – e a de seus articulistas, que lhe multiplicam o verbo.

Verdadeira artilharia pesada que desenha uma ideologia, um mesmo sonho e lista os mesmos inimigos para desmanche. Nestes textos estão presentes todos os elementos da polêmica acima assinalados. Aproveita-se do trivial e problematiza o senso comum. Aponta o dedo acusador e desfere com vigorosa voz impropérios à direita e esquerda, qual um esgrimista. Seu inimigo preferido: Getúlio Vargas. Mas também Samuel Wainer, Roberto Marinho e tantos outros. Quem, num dia, lhe faz afagos na esperança de obter salvo-conduto, poderá repentinamente, receber traição ampla, como muito bem sabem os militares brasileiros, que lhe cultivaram apoio em 1964, para em seguida terem-no como inimigo na trincheira.

Neste zigzague no tempo cabe um retorno aos 1800. No caso, o mestre Machado de Assis também nos ensina algo sobre polêmica em suas mais de 600 crônicas da série Bons Dias publicadas na *Gazeta de Notícias*. Como nos diz a resenha de John Gledson,¹² tais textos não foram escritos para a posteridade e sim para os leitores que partilhavam esse tempo. Interessava a Machado de Assis os escândalos triviais de 1889. De resto, é o que interessa a qualquer cronista – este é o estilo que dá conta do tempo corrente. Sob pseudônimo, abandona a ficção. “Pretendem sacudir o leitor e levá-lo a uma consciência crítica de que elas não são meras apresentadoras da realidade”, diz Gledson. Entre seus temas preferidos estava seu ceticismo em relação a certos tipos de medicina; caçoava do político César Zama; do pedantismo lingüístico de Antônio de Castro Lopes e do espiritualismo.

Outro polemista oitocentista é Rui Barbosa. Elabora no *Radical Paulistano* “A Emancipação Progride”. No *Diário da Bahia* panfleteia “Pelos Escravos”. *N’O País* afirma em “O Bezerro de Palha” que: “Há, entre as populações rurais da Escócia, um costume singular que os partidos políticos parecem ter parodiado em algumas das suas artes. Quando a teta, mungida com insistência, recusa ao campônio o leite saboroso, um couro de novilho, ajeitado e recheado de palha, basta para fazer verter copiosamente. Há espantalhos contra o progresso das boas causas, que são verdadeiros empalhamentos, ou empalhações partidárias, amanhadas para extrair à população incauta e honesta o leite da sua força sob a forma de votos.” No *Diário de Notícias* argumenta sobre O nosso rumo, Nossa coerência, Nossa veracidade, Nossa democracia, Nossa ingratidão.

Os exemplos são inúmeros. Igualmente o tom de tais intervenções que apresentam, em grande medida, os elementos desta ácida e também irônica retórica.

Os efeitos

Cabe perguntar: por que são populares? Por que são lidos? Por que gozam de status social? Por que balançam na corda bamba entre a veneração e o descrédito odioso de opositores ferrenhos? Que efeitos são esses que tornam o polemista uma celebridade?

Há que se assinalar que como gênero é um sucesso. A *Folha de S. Paulo* diz em seu Manual de Redação que “estimula polêmicas em suas páginas. Elas devem estar presentes em artigos e críticas, assim como refletir-se em reportagens e entrevistas. A *Folha* publica também discordâncias conceituais entre seus jornalistas.” Alerta, no entanto, que “polêmicas que se prolongam tendem a cansar o leitor e decair para ataques pessoais. Quem edita deve recomendar aos polemistas que evitem esse tipo de ataque. A maneira correta de encerrar uma polêmica é avisar as partes que terão apenas mais uma oportunidade e igual número de linhas para se manifestar, e publicar essas manifestações lado a lado.” Este jornal, à semelhança de vários outros, remete a presença do polemista e da polêmica à própria idéia de pluralismo e democracia. Simula nestes debates o mesmo existente na sociedade. Ao dar guarida a tais personagens vê cumprir seu papel de vigiar o meio ambiente, retratar a complexidade dos fatos e evitar um jornalismo panfletário e sectário.

Tal acolhimento é útil para comprovar o que aqui se afirma: a polêmica é bem vinda e atrai a audiência. No entanto, isso não basta para explicar sua popularidade. A título de hipótese, nos atrevemos a listar algumas das causas que provocam o sucesso de tais personagens e do próprio gênero:

1. ao desafiar o senso comum, o polemista faz surgir o novo. Há que se ressaltar que o novo não surge nunca facilmente. Teme-se a novidade pelo efeito devastador que pode causar nos equilíbrios existentes. Tal dinâmica pode ser observada nos comportamentos humanos, nas opiniões expressas sobre temas públicos, nos hábitos cotidianos, e na ruminação psicológica que impede as pessoas de verem os velhos problemas com novos olhos;
2. o polemista tem a coragem que falta à maioria dos seres. Na verdade, a torcida torce em seu favor por expressar o que esta parcela da opinião pública sente mas evita pronunciar. Esconde-se atrás de sua verve, como que entrincheirada num silêncio sepulcral. E há um certo gozo neste desfrute da petulância de se dizer o indizível;

3. como paladino do não dito, mas existente, desafia o *establishment*. Este efeito é surpreendente. Há uma ousadia que encontra ouvidos desconfiados, de mentes críticas que abominam o jogo de forças que nas sombras empurram a história de um lado para o outro;
4. o polemista educa, pois estimula o embate. Acorda mentes adormecidas como que narcotizadas pelo que é usual. Afinal, é a diferença sempre que é percebida. É o estranho que faz os olhos verem por vezes o que estava já a nossa disposição mas era desconsiderado. Neste sentido desafia verdades antes incontestadas;
5. contribui para a busca de sentido e de significado. A sociedade da informação não assegura, na sua oferta em expansão de dados, este efeito mágico de encantamento que o entendimento dos fenômenos e processos produz. Como exegeta, sua ação tem também efeito terapêutico;
6. ele também irrita. Causa desconforto. Insinua desejo de mudar os valores das pessoas, o que nunca consegue. No máximo, desperta os associados. Os demais perceberão sua intervenção como ruído e perturbação.

Jornalismo Comunitário

Os que temem o polemista manterão sua pena *sub judice* e seu espaço sempre será precário e provisório. O jornalismo comunitário é um bom exemplo deste tipo de tratamento. A matéria jornalística nesta mídia, que inclui a pequena imprensa interiorana, o jornalismo étnico e religioso e a panfletagem política e sindical, entre outras experiências, visa mais o conagraçamento e a retórica evangelizadora, e menos, muito menos, o debate de assuntos controversos, seja na regular e inevitável cobertura de todos os dias, seja na verve afiada de tais personagens malditos. A meta destes veículos é dar ao leitor pertinência ao corpo orgânico da comunidade. Deseja-se aqui o consenso, o estreitamento de laços. Serve mais aos fins da animação cultural e menos, outra vez, aos fins da reflexão crítica. Uma palavra inovadora, uma idéia não trivial e um tema polêmico geram neste tipo de contexto enorme mal-estar.

O *gatekeeper* deste tipo de veículo sabe de antemão que ele serve mais, muito mais, aos fins educacionais. Por isso, um jornal comunitário perde em grande medida o poder comunicacional que veicula jornalismo no sentido pleno da palavra: polêmico por natureza, cercado por opinião dilacerante. No jornalismo comunitário a margem é estreita e o conteúdo, vigiado. Trabalha-se na esfera do consenso, sempre, buscando aqui e ali

alguma fresta capaz de provocar sob medida o espírito. Sob medida, repita-se. Nada que se iguale às ironias de um Paulo Francis ou à rispidez de um Assis Chateaubriand. Seriam estas falas, verdadeiramente, heresias puras num discurso que se destina a ouvidos que buscam o conforto e a paz.

Exemplo deste tipo de fenômeno pode ser observado em estudo de caso da imprensa luterana. Ele revela os impasses e os dilemas vividos pelo oficioso *Jornal Evangélico*, que circula por congregações da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), e que a partir de 1975 decidiu formar uma equipe de jornalistas profissionais para dinamizar suas edições. Nesta fase, decidiu-se também valorizar a reportagem e consolidar um pauta recheada de polêmicas. Entre os casos publicados e que causaram grande controvérsia estão matérias envolvendo temas como o divórcio e a manifestação favorável ao mesmo feita pelo pastor presidente; ações evangelizadoras de pessoas já vinculadas à Igreja por um grupo menonita com tendência carismática; a vinculação histórica da Instituição com a língua e tradições alemãs e a necessidade de aculturação brasileira da Igreja; a atividade política dos luteranos e a provocação dos jornalistas profissionais contra o ‘silêncio’ da comunidade em relação a temas sociais; e ainda as reportagens sobre as esposas de pastores, nas quais se revelava a rotina das mesmas, ficando expressa a idéia do sacrifício que faziam pela profissão dos maridos. Nesta fase, foi adotada uma postura de incentivo a que os leitores se manifestassem, no setor de cartas, sobre os mais diferentes assuntos, adotando uma postura de total transparência. Nenhum texto era censurado, mesmo aqueles que faziam ásperas críticas à linha editorial do jornal ou atacavam a conduta da Igreja.

No instante em que o controle editorial passou das mãos da editora Sinodal às da Igreja, tal intervenção do espírito jornalístico carregado dos valores da controvérsia mudou. A ambição passou a ser a de produzir um “jornal amigo” que desse destaque à espiritualidade, reflexão bíblica e capacitação de leitores para a formação própria de juízo. Assuntos difíceis deveriam ser abordados com enfoque pastoral crítico-constructivo. O espírito polemista que se instalara no periódico foi abandonado. O *Jornal Evangélico Luterano* está hoje voltado aos fins do conagraçamento comunitário. Acolhe nesta postura editorial cautelosa os ensinamentos recolhidos da cadeia de reações de leitores contrariados pelas provocações dos jornalistas profissionais. Uma resenha desta correspondência documentaria tal mal estar. “Fiquei perplexo ao ler nos últimos números do jornal quanto se preocupou em trazer assuntos referentes à aprovação do divórcio”, diria um leitor. Outro

afirmaria: “Recebo regularmente o *Jornal Evangélico* e ele se destaca entre todos os folhetos e jornais que conheço. De vez em quando dá um fora, mas isto é coisa de jornalista de primeiro ano (a equipe dos profissionais era de jovens graduados). Eu só peço uma coisa: que o *Jornal Evangélico* não se meta em política de âmbito nacional.” Intenso debate entre os próprios leitores acabaria criando facções. O debate sobre a identidade do jornal foi inevitável: uns advogavam sua secularização, outros o contrário.

Neste caso, como em vários outros, o jornalismo comunitário não se anima da margem, do que se inscreve no canto de página à espera do momento certo para saltar ao corpo do texto. Este impasse é vivido por grupos variados de militância, o que deixa claro a fronteira nem sempre perceptível entre a inevitável natureza polêmica do jornalismo e a pasquinagem em geral.

Conclusão

Não há que se confundir jornal com jornalismo. O jornal admite e necessita do polemista. O jornalismo não. Deve ressaltar-se este aspecto: jornalismo é reportagem, é um compromisso com o mundo dos fatos, é andar no território, verdadeiramente. Sua promessa e utopia são descrever o mundo como ele é. Sabe-se que há limitações neste esforço de comportar-se como espelho da vida. No entanto, esta é a promessa da reportagem e esta é a expectativa das audiências que lêem as páginas do jornal (e vêem telejornal e ouvem radiojornais) com a expectativa de não estarem sendo enganadas.

Em outras palavras, não há que confundir a natureza polêmica dos tópicos agendados para a cobertura jornalística com a ação crítica e reflexiva dos polemistas. A polêmica é condição intrínseca da pauta jornalística. Da mesma forma são a investigação de sua técnica e o sensacionalismo de seu efeito. Não se pode imaginar que o jornalismo não investigue e que não busque algum impacto no público. Ambos elementos constituem essência da própria natureza deste tipo de mediação social da informação. Tal fato torna os tradicionais rótulos de jornalismo investigativo e sensacionalista redundantes. No entanto, ambos são úteis porque caracterizam uma obra especial – a primeira ressaltando o esforço de reportagem na busca de dados, em especial quando as circunstâncias não são as usuais e nas quais as fontes relutam em cooperar; e na segunda, no tratamento calculado e excessivo de certos aspectos do fato visando surpreender por vezes, e divertir em outras oportunidades o público.

No caso sob análise, o jornalismo polemista é sub-produto do articulismo. E como tal é produto raro para o jornal, entendido o jornal como produto de consumo. O jornalismo opinativo carrega no rótulo este paradoxo: denomina-se jornalismo, mas não exerce a reportagem. Correto seria denominá-lo com outro termo para evitar a confusão de conceitos. Por isso reafirma-se aqui o recém dito: o jornal ganha, e muito, com a presença de tais debatedores. A circulação aumenta na proporção direta da raiva e do amor que provocam. De preferência os dois. O que se observa, no entanto, é a timidez de muitos veículos no acolhimento de tais profetas malditos. Ao romperem com as controvérsias legítimas – espaço no qual somente as opiniões conhecidas e corriqueiras são acolhidas sem medo nas redações – propõem com ousadia um novo pensar. O polemista não nasceu para aquela linha de conforto da mesmice. Seu espaço é outro: viverá sempre distante do consenso e daquele tipo de debate burocrático, enfadonho. Seu círculo será a da transgressão dos sentidos. Os veículos mais vigorosos estão dispostos a correr riscos.

Cabe afirmar, por fim, que o polemismo é a circunstância do maldito que vive sempre lá, à beira dos desfiladeiros. Ora nele cai, ora dele se recupera. Mas é ali, sempre à disposição do desastre, que se anima e encontra o que de melhor tem de si para dar ao público.

Notas

¹ Entre eles estão, por exemplo, a primeira gravidez por inseminação artificial (1799); a invenção da dinamite, por Alfred Nobel (1866); os primeiros testes genéticos com insetos (1928); a primeira tentativa de fertilização *in vitro* (1944); a explosão da primeira bomba atômica (1945); a clonagem de rãs a partir de células de girinos (1952); o congelamento do esperma humano para inseminação artificial (1953); a comprovação da eficácia da pílula contraceptiva (1954); o primeiro transplante de coração por Christian Barnard (1967); o nascimento de Louise Brown, o primeiro bebê de proveta (1978); o surgimento da pílula do aborto (1982); o nascimento do primeiro bebê de mãe de aluguel (1983); a geração de óvulos fecundada por uma filha em sua mãe e o implante de uma orelha humana em um rato (1995).

² Em 1998, o Conselho Federal de Medicina proibiu os médicos brasileiros de utilizarem a medicina alternativa por a considerarem nociva à saúde. O tema tornou-se polêmico a partir daí e a imprensa acusou a entidade de inquisitorial. Cabe salientar que a lista de tópicos polêmicos na ciência é infinita.

³ Caso típico de polêmica religiosa foram as disputas provocadas pela Igreja católica contra o judaísmo na Idade Média. A intenção conversionista dos embates realizados em praça pública na cidade de Tortosa, na Espanha, entre outras, visava fragilizar os fundamentos hebreus, acusados de serem anticristãos, desmoralizando-os através também de conversos que atacavam sua antiga fé. Tratava-se, como se vê, de uma ação de guerra psicológica que caracterizava aquele período marcado também pelo espírito inquisidor e cruzado. Tais polêmicas não se encerraram mas estão hoje enquadradas no ocidente no disciplinado contexto de ecumenismo e liberdade democrática que evita o dissabor agressivo de tais embates de antigamente.

⁴ Ver www.estacio.com.br/direito/novos/arquivos/Direito_Informação - artigos - A informação como Bem de Consumo.htm

⁵ Ver “A nova Imprensa da nova/velha Alemanha”. *Revista Brasileira de Comunicação*. Intercom, vol. XVIII, n. 1, Jan/Julho de 1995, São Paulo, p. 50-66.

⁶ *Jornal, História e Técnica- História da Imprensa Brasileira*. São Paulo: Ed. Ática. 1990. p.32.

⁷ No campo científico a opção por modificar-se genes de vacas leiteiras para permitir que um rebanho produza em média 60 litros por dia tem como ameaça a possibilidade de um determinado vírus passar automaticamente de um animal para outro. Outro exemplo: já se tornou comum a produção de certos medicamentos, como a insulina, por bactérias modificadas com o implante de genes humanos. O próximo passo é a implantação de porções de DNA humano em grandes mamíferos, para produção de compostos sanguíneos úteis. Ovelhas modificadas já produzem experimentalmente o fator de coagulação humano, usado para tratar hemofílicos. O dilema é que como o DNA não é uma molécula estável, teme-se sua contaminação por genes animais.

⁸ “Space at the Margins: critical theory and colonial space after Innis”, In: Acland, Charles & Buxton, William J. *Harold Innis in the New Century. Reflections and Refractions*. McGill-Queen's University Press, 1999, p. 281-308.

⁹ “O irracional superior”, *Época*, 12 de fevereiro de 2001.

¹⁰ Rosas e pedras do meu caminho.

¹¹ Crônicas do viver baiano seiscentista. 1969

¹² Machado de Assis. *Bons Dias*. São Paulo: Ed. Hucitec/Unicamp, 1990.